

CORREIO NACIONAL

ORGÃO REPUBLICANO

Ano I

SÃO PAULO – 07 de Outubro de 1897

NUM. 512

ACONTECE NA BAHIA: EXÉRCITO RISCA CANUDOS DO MAPA

Com forças Republicanas mais bem equipadas e organizadas, os incansáveis fanáticos foram vencidos pelo cerco que fechava o arraial; no final, cerca de 25 e 35 mil rebeldes morreram no combate

A ofensiva final contra Canudos, pequeno vilarejo da Bahia, realizada pelas tropas militares do governo federal no último dia 5 de outubro de 1897 chega ao fim com a morte de quatro derradeiros defensores do arraial. Liderada pelo próprio ministro da guerra, o marechal Carlos Machado Bittencourt (que recrutou quase 10 mil homens para o combate), o exército sai triunfante após três tentativas fracassadas de conter o movimento popular sócio religioso que ganhava fama entre humildes habitantes que viviam na zona rural do Nordeste.

Acreditando que havia sido enviado por Deus para acabar com as diferenças sociais e também com os pecados republicanos, o beato Antônio Conselheiro, como era conhecido entre os caboclos e sertanejos da região, era quem

liderava este movimento que durava a cerca de um ano. Fome, seca, miséria, violência, abandono político e fanatismo religioso desencadearam em outubro de 1896, no sertão da Bahia o conflito civil.

Esse falso religioso de intenções monarquistas, passou a agregar cada vez mais fiéis chegando a contar com quase 20 mil sertanejos no ano de 1896. O arraial repartia tudo entre si, negociando o excesso com as cidades vizinhas, adquirindo bens e produtos que não eram gerados no local. Os habitantes organizaram milícias armadas, para atingir os coronéis e a Igreja Católica. Enquanto isso a igreja perdia seus seguidores e os coronéis eram prejudicados com o constante deslocamento de mão-de-obra para Canudos.

Seca da região aliada aos latifúndios improdutivos e o desemprego crônico gerado pelo provável abandono político dos coronéis locais. Oferecendo abrigo e proteção aos excluídos da modernidade que a jovem República concedeu a elite agrária e cafeeira do Sudeste brasileiro, o “Homem Santo” (outro apelido de Antônio Conselheiro) bradou a sua comunidade os preceitos que deveriam ser seguidos por e para o emissário de Deus.

Por pressão de padres e coronéis, o governador da Bahia tomou providências urgentes para determinar o fim a Canudos. Foram instituídas três empreitadas militares, que foram vencidas pelos seguidores de Antônio Conselheiro. Em virtude de tamanha dificuldade, o Governo Federal foi solicitado e a quarta expedição foi então organizada para acabar com a luta maçante dos revoltosos. No dia 1 de outubro, as tropas do governo iniciaram o ataque final, avanço que culminou com a rendição de 300 pessoas, entre elas mulheres e crianças, mantidas presas nos últimos dias de guerra. O Exército sai vitorioso. O episódio sai marcado com a total destruição do vilarejo, registrando cerca de 5200 casebres incendiados e arrasados pelo êxito das forças republicanas.

Rebatizada de Belo Monte, (apesar de claramente estar situado num vale, entre colinas) a vida no arraial de Canudos passou a ser dedicada ao trabalho coletivo e às práticas rígidas religiosas, que serviriam como um guia para o comportamento da comunidade. Seu tom exaltado de liderança, porém, começou a gerar conflitos para com as autoridades, incorporando um grave rumor de reinstauração monárquica pelos fanáticos de Conselheiro.

Antecedentes

Em 1893, depois de mais de 20 anos de andança pelo sertão nordestino, o messiânico Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido como “Antônio Conselheiro”, fundou às margens do Rio Vaza-Barris, no interior da Bahia, em uma fazenda abandonada, o Arraial de Canudos. Aos poucos, Conselheiro conseguiu congrega uma crescente demanda de sertanejos, caboclos e escravos que fugiam da Grande

CORREIO NACIONAL

O estopim

A primeira reação do governo da Bahia deu-se em outubro de 1896, quando as autoridades de Juazeiro apelaram para o governo estadual baiano em busca de uma solução. Sob o comando do tenente Manuel da Silva Pires Ferreira, um destacamento policial de cem praças fora mandado para seguir à Canudos. Contudo, a robusta tropa é surpreendida em Uauá pelos seguidores de Antônio Conselheiro, estabelecendo-se assim um sangrento combate entre os bichos ferozes de Canudos e os audaciosos policiais, que partiram em retirada apesar da aparente vitória.

A segunda expedição

Comandada pelo major Febrônio de Brito, em janeiro de 1897, uma segunda espreita militar foi contra Canudos fora planejada para atacar. Depois de atravessar a serra de Cambaio, a tropa é repelida pelos jagunços de Antônio Conselheiro no dia 18. Abastecendo-se de armas abandonadas ou tomadas da tropa, mais uma vez os conselheiristas venceram.

A terceira expedição

Diante das perdas e pressão dos políticos na capital do país, o governo federal assumira a repressão, confiando ao coronel Antônio Moreira César, herói do exército brasileiro e popularmente apelidado de “corta-cabeças” (originário da Revolução Federalista em Santa Catarina após

executar mais de cem pessoas) a missão de acabar com os canudenses. Em 2 de março de 1897, as forças militares de governo federal, que se compunha com 1300 homens, assaltara o arraial. Moreira César morre em combate assim como o coronel Pedro Nunes Batista Ferreira Tamarindo que toma a liderança após a sua execução. Abalado, a tropa é obrigada a retroceder.

A quarta expedição e a derrota do arraial

A repercussão da derrota no Rio de Janeiro fora enorme, atribuindo-se ainda mais a Conselheiro suas pretensões de restaurar a monarquia. O marechal Carlos Machado Bittencourt fora então recrutado para conter o avanço dos conselheiristas preparando uma expedição sob o comando de Artur Oscar de Andrade Guimarães composta em duas colunas lideradas pelos generais João da Silva Barbosa e Cláudio do Amaral Savaget. Com um contingente de cerca

O primeiro combate acontecera em 25 de junho de 1897 em Cocorobó com a coluna Savaget. Os atacantes conseguiram chegar a Canudos no dia 27. Em agosto de 1897, o marechal Carlos Machado Bittencourt seguira para o sertão baiano instalando-se em Monte Santo e fazendo de lá sua base de operações. Após várias batalhas que se seguiram posteriormente, em setembro de 1897 a tropa conseguira dominar os jagunços e apertar o cerco sobre o arraial, impedindo o abastecimento da

população, que além de fome e sede, enfrentava os fortes bombardeios das tropas. Com a rendição de um grupo de 300 mulheres e crianças depois da morte de Antônio Conselheiro em 22 de setembro do mesmo ano, um último reduto ainda resistia na praça central do povoado.

O arraial resiste até o dia 5 de outubro de 1897, quando morreram quatro derradeiros defensores e as tropas militares triunfam.

Consequências



Mulheres e crianças, seguidoras de Antônio Conselheiro, presas durante os últimos dias da guerra

Estima-se que morreram entre 20 mil e 25 mil rebeldes nos combates. A vitória se consumou com a chamada “gravata vermelha”: todos os homens presos, mulheres e crianças foram degolados pelas tropas militares.

Cerca de 5200 casebres foram incendiados na então arrasada Canudos.



Antônio Conselheiro morto. Foto tirada em 6 de outubro de 1897.

Antônio Conselheiro morreu no dia 22 de setembro de 1897. As razões mais citadas são ferimentos causados por uma granada e disenteria. A 6 de outubro seu corpo é encontrado e sua cabeça foi decepada a faca para ser examinada.

A ASCENSÃO DO GOVERNO OLIGÁRQUICO DE PRUDENTE DE MORAIS

Em 1894, quando terminou o período de governos provisórios dos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, foram realizadas novas eleições das quais foi vitorioso o candidato paulista Prudente José de Moraes e Barros, o primeiro presidente civil da República Federalista do Brasil. Aos 53 anos de idade, ele assumiu a posse no dia 15 de novembro daquele ano, e hoje aos 56 anos ele fala sobre o seu governo a um ano do fim de seu mandato.



Presidente Prudente José de Moraes e Barros

Quando Prudente de Moraes assumiu a Presidência do país, o Brasil encontrava-se numa situação econômica, social e política bastante crítica: a divergência de interesses políticos entre as duas principais facções republicanas (os radicais florianistas e a oligarquia cafeeira) aliado a Revolução Federalista do Rio Grande do Sul que culminou com a assinatura da anistia aos rebeldes do sul, fizeram com que o presidente paulista se esforçasse muito para pacificar os conflitos. “Foi um árduo ofício reorganizar um país que atravessava por uma grave crise econômica, ainda mais onde a hostilidade política entre dois grupos pronunciavam ideais tão diversos e autônomos”. Na ocasião em que fora também questionado sobre a indicação de homens de confiança do marechal Floriano Peixoto para cargos importantes em seu governo, Prudente de Moraes afirma a “necessidade de apaziguar a disputa entre os militares e a oligarquia cefeicultora, na tentativa de unificar politicamente ambos e atenuar a ameaça que sofria meu mandato”, já que revertendo seu quadro político poderia neutralizar a oposição e consolidar seus próprios interesses. É assim importante destacar, que sendo o Brasil essencial e predominantemente agrário, exportador de matérias primas e produtos agrícolas como o café, algodão, borracha, etc., o presidente manteria o empenho de solidificar a oligarquia agrária, deixando posteriormente de lado o processo incipiente de industrialização do país, uma vez que os recursos obtidos seriam somente canalizados exclusivamente para o setor rural de produção agrícola.

Em meio a essa crise, surgira o restabelecimento das relações diplomáticas com Portugal, rompidas no mandato anterior de Floriano Peixoto. “Foi uma importante renovação para que o governo ainda conseguisse reaver junto à Inglaterra, o controle territorial da Ilha de Trindade, uma vez que em 1895, os ingleses acharam por bem tomar posse da Ilha e a revolta da Escola Militar”. Valendo-se da sua opulenta autoridade, Prudente de Moraes conseguira apurar a questão diplomática a favor do nosso Brasil, fechando a escola e o clube militar.

Não ainda obstante dos infortúnios de seu mandato, pouco antes de seu vice-presidente Manuel Vitorino assumir o cargo devido a uma cirurgia, o então presidente enfrentara a recente Guerra de Canudos, que teve início em 1896. “Com a vitória dos insurgentes de Conselheiro sobre as várias expedições militares enviadas pelo governo, tive que convalescer e nomear o ministro de guerra, o general Carlos Machado Bittencourt que concedeu jubilosamente a meu mandato a derrota dos amotinados de Canudos no dia 5 de outubro”.

A atitude de Prudente de Moraes diante das duas revoltas sociais que ocorreram no período, deixaram evidente a face triunfante da República oligárquica no país, capaz de firmar e popularizar definitivamente o caráter do sistema implantado no Brasil com o vislumbramento da vitória elitista.

Sociedade e Economia

“RENEGADOS DA PÁTRIA”

Os soldados ao retornarem ao Rio de Janeiro da Guerra de Canudos, deixam de receber seu soldo e instalaram-se provisoriamente em alguns morros da cidade, juntamente a outros desabrigados

A cidadela de Canudos foi construída próxima a alguns morros, entre eles o Morro da Favela, que recebeu este nome devido à vegetação predominante no local, que era a Favela, uma planta típica da caatinga, extremamente resistente à seca.

Surgem agora novas 'favelas' no Rio de Janeiro, decorrente da reforma de Francisco Pereira Passos, engenheiro, que visa apagar os vestígios de uma cidade colonial. Assim, cortiços sem condições sanitárias povoados por escravos libertos foram demolidos,

e esses novos habitantes passaram a ocupar morros afastados dos centros. Esses morros passaram a abrigar todo tipo de renegado, de ex-escravos a criminosos fugitivos e agora recebem os soldados da Guerra de Canudos.

INDUSTRIALIZAÇÃO INCIPIENTE

O governo se esforça para estimular a expansão industrial do país através da concessão e criação de taxas alfandegárias

O governo brasileiro acaba de criar medidas econômicas para incentivar o introdutivo processo de ampliação industrial no país com a implantação de taxas alfandegárias, dificultando a entrada de produtos manufaturados estrangeiros que

pu dessem concorrer com os produtos similares nacionais.

As oligarquias agrárias de modo geral, principalmente os cafeicultores, ainda não concordam com a política governamental de incentivo à industrialização

brasileira, dado que todos os recursos deveriam e devem ser dirigidos somente e exclusivamente ao setor rural e agrícola do país aliada à exportação.

